

# Tese mostra a vida de favelados em Brasília

O pesquisador Genebaldo Freire Dias não precisou ir muito longe para descobrir as contradições do processo nem sempre ordenado de urbanização de Brasília. Da UnB, onde terminou seu mestrado em Ecologia, à favela Mina D'Água, na 213 Norte, o objeto de estudo da sua dissertação, são apenas três quilômetros, embora, como ele próprio constatou, essa proximidade com o maior centro acadêmico da região Centro-Oeste não traz qualquer benefício à comunidade.

A constatação talvez mais importante da tese de Genebaldo é a de que, levando-se em consideração os índices de crescimento populacional dos últimos dez anos, chegasse a preocupante previsão de que, em menos de uma década, as comunidades marginais serão maiores do que as populações legalmente assentadas no Distrito Federal. Claro: se continuar a atual política de habitação e o modelo de desenvolvimento adotado pelo Governo.

As conclusões do pesquisador, foram tiradas do exemplo de Mina D'Água para diagnosticar um problema que aflige, apenas em Brasília, 320 mil migrantes que formam as populações das comunidades marginais e estão no livro "Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos", editado pelo recém-criado Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). Mais do que previsões pessimistas, Genebaldo também traça um perfil ecológico da comunidade e mostra que, curiosamente, apesar das diversida-

des do ambiente, Mina D'Água possui estrutura e dinâmicas próprias, criadas a partir de processos de adaptação desenvolvidos pelos migrantes para tentarem sobreviver, no que ele chamou de condições de marginalidade psicossocial. Uma diferença, por exemplo, entre essa favela e outras mais afastadas do centro urbano é que a população de Mina D'Água mora ao lado dos benefícios da cidade, mas não pode usufruir de quase nada.

## Bate-papos

Para realizar seu trabalho, Genebaldo teve que se despir do papel de pesquisador para, durante mais de 12 meses, entrar na vida da comunidade, tomar parte dos jogos e se dispor a longos bate-papos na sombra de uma mangueira. Não pôde evitar, de início, ser confundido com um agente da Terracap, mas sobreviveu a essa imagem e encontrou nas crianças e nas pessoas com mais de 50 anos os informantes mais confiáveis, que o tratavam respeitosamente por "professor". Genebaldo também contou com a colaboração de um grupo de jovens chamados "beneditinos" que desde 1980 prestam assistência material e religiosa à comunidade. Foram eles que levantaram os dados iniciais para um perfil sócio-econômico da população de 312 habitantes, composta principalmente por migrantes do Ceará e da Bahia.

## Mina

A comunidade de Mina D'Água

foi fundada em 1962 por uma única família, que formou um núcleo que permanece até hoje. Na época, o sinal mais próximo de urbanização era a Estação Rodoviária, a sete

quilômetros de distância e a área, que atualmente corresponde a 75 mil metros quadrados da futura superquadra da 213 Norte, era habitada, por gaviões, preás, gambás e veados numa vegetação densa. As pessoas que formaram o núcleo pioneiro do assentamento tiveram filhos e estes não conseguiram deixar as condições de vida da invasão. Hoje, junto com os baianos e cearenses, os candangos já são a maior parcela da população: 30,6%, de acordo com o levantamento da pesquisa.

O mais preocupante nesse levantamento é a taxa de crescimento da população, que chega a 34% ao ano, superior ao dobro do crescimento esperado pelas autoridades da habitação do Distrito Federal para essas populações em Brasília. O crescimento médio anual da população do DF na década de 70 foi de 8,1% e o crescimento das populações marginais situou-se nesse mesmo período em 12,8%, (6,2% para o Plano Piloto), aumentando, entre 1980 e 1983, para 15%. Minas D'Água cresceu muito mais, não pela taxa de natalidade, que corresponde apenas a metade da taxa média do País (25%), mas pela constante migração, que representou 90,1% do aumento da população da comunidade no período estudado.

## Miséria

Genebaldo constatou que grande parte dos migrantes chegam a Mina D'Água por meio de parentesco, após serem informados sobre as possibilidades de vida no Distrito Federal. E um dado importante é que todos que formaram a comunidade vieram da zona rural, expulsos pelas precárias condições de vida e absoluta falta de opções para uma sobrevivência no campo. Mas aqui eles também não encontraram uma situação muito diferente.

## Renda

A pesquisa mostra que da população economicamente ativa, que corresponde a 26% dos habitantes (43 pessoas) apenas quatro delas ganham mais de dois salários mínimos. Os demais se encontram em níveis que variam da estrita pobreza (até um salário). A situação da mulher não é diferente do resto do País: ganha menos que o homem. Os jovens sem qualquer especialização são mais de 70% e o detalhe é que 40% da população de Mina D'Água tem menos de 16 anos e 31% menos de dez.

A partir desse perfil, formado com dados correspondentes à educação, saúde, alimentação, lazer, religião, valores pessoais e processos de adaptação, Genebaldo conclui que este retrato trê por quatro do País impõe soluções imediatas. "A cada ano a situação se agrava e o desafio aumenta" diz alertando para a ameaça à estabilidade democrática por suscitar pressões incontroláveis.

## Um frágil equilíbrio

A favela Mina D'Água pode ser um bom exemplo, conforme o ecólogo Genebaldo Freire Dias, para que se entenda a natureza humana. Nos seis meses em que conviveu diariamente com seus moradores, ele observou inúmeros artifícios de sobrevivência e constatou que um dos principais pontos para a comunidade manter um índice de criminalidade zero e alto índice de satisfação geral é a existência de áreas de convivência social. Em outras palavras, espaço, ar livre e árvores.

A vegetação do cerrado começou a receber novos espécimes através da mais antiga moradora do lugar, a lavadeira dona Maria das Mercês de Souza. Lavadeira, cozinheira, faxineira ou o que fosse necessário para sustentar os quatro filhos que já lhe deram 25 netos. As árvores todas que plantou são não só uma forma a mais de alimentar todas essas bocas, mas também de comprovar sua condição de posseira urbana, conforme alguma "autoridade" do GDF ensinou-lhe há anos.

Dona Maria seguiu o conselho à risca e plantou mangueiras, abacateiros, bananeiras, mandioca. Mas começou a enfrentar problemas assim que, a partir de 1985, novos moradores além do núcleo originalmente formado, começaram a chegar e a desprestigiar sua condição de

"matriarca". Esse povo vem e quebra as plantas, apanha fruta verde, não respeita nada", conta ela. O pior, garante, é que junto com "eles" chegou a ameaça de transferência para a Samambaia. Dona Maria admite que por longo tempo foi como um fiscal da área, não deixando ninguém chegar com madeira e prego, até 1987 quando as barracas começaram a se multiplicar.

## Amizade

O principal problema de conjuntos habitacionais construídos sem respeito às necessidades de convivência comunitária, diz Genebaldo Freire, é o de as pessoas serem neles confinadas como "aves de granja".

O pesquisador observou que os membros dessa comunidade desenvolveram um nível altíssimo de amizade, o que faz com que o espírito de cooperação entre eles seja muito grande.

A cooperação e a capacidade de adaptação para superar as dificuldades do meio ambiente são, segundo o ecólogo, as duas palavras-chave para se compreender o precário equilíbrio alcançado por essas populações marginais. Muito diferente, conforme enfatiza, de comunidades formadas da noite para o dia como as da Boca da Mata, onde não se registrou a estrutura e dinâmica desenvolvida pela favela de Mina D'Água.